

**17/5/1984**

**Uma vida de muito trabalho e pouco dinheiro**

Nem bem o dia clareia, por volta das 4 horas, eles vão se encontrando nos pontos de embarque, munidos de um longo facão, uma lima, marmita e chapéu na cabeça. Rosto sofrido, alguns jovens mas já parecendo velhos, trazem em seu corpo a marca do trabalho difícil dos canaviais. "É uma vida de inferno", afirma o bóia fria José Gonzaga Medeiros, três anos na função, que veio de Minas, foi para o Paraná e acabou em Guariba. Como ele, são milhares, especialmente no Estado de São Paulo. Somente em Guariba existem 10 mil. Na região, segundo cálculos dos presidentes de sindicatos rurais, mais de 100 mil trabalham nas safras de cana e laranja. Muitos eram pequenos sitiantes, mas acabaram perdendo suas terras. Foram se instalando nas periferias das cidades e obrigados a caminhar mundos para conseguir o sustento das famílias.

Em Guariba, nas usinas de corte de cana, eles conseguem ganhar uma média de Cr\$ 130 a Cr\$ 150 mil por mês. Mas, para isso, são obrigados a um duro esforço. Trabalham das seis horas da manhã até o final da tarde e, além de ganhar pouco, ainda seus direitos, na maioria das vezes, não são respeitados. O facão, a lima e qualquer outro equipamento que eles têm de utilizar em seu trabalho diário são comprados por eles mesmos. Um facão pode custar entre Cr\$ 4 e Cr\$ 6 mil, durando uma média de cinco dias, segundo o bóia-fria Paulo Soares Lima. A lima (Cr\$ 1.500,00) aguenta três dias. Só em ferramentas, portanto, muitos deles gastam boa parte do que recebem. "Roupa — diz o bóia-fria Paulo Soares Lima — eu não estou comprando há muito tempo".

Além do mais poucas usinas oferecem algum tipo de assistência médica a seus trabalhadores. Atende os casos mais graves em enfermarias próprias. Mas os bóias-frias se queixam de que se alguém ferir uma perna com o facão e não puder trabalhar, terá que comparecer à usina para receber a diária, se não é descontado. Na safra do ano passado, os bóias-frias tiveram o sistema de corte de cana alterado de cinco para sete ruas e isso fez com que todos eles perdessem dinheiro. Com cinco ruas, explica Benedito Magalhães, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, o trabalhador tem um rendimento maior, pois não perde muito tempo em colocar e transportar a cana e pode cortar até 10 toneladas por dia. No sistema de sete ruas, isso não é possível — afirma — uma vez que o trabalhador é obrigado a se deslocar para depositar a cana em montes distantes um do outro. Se no sistema de cinco um trabalhador consegue ganhar Cr\$ 150 mil por mês, no de sete, com esforço bem maior, ele produz apenas 60 por cento disso e ganha, então, cerca de Cr\$ 90 mil.

As atuais manifestações levaram os trabalhadores a conquistarem pelo menos uma vitória: esse sistema voltou para cinco a partir de ontem e será mantido segundo os usineiros daqui para a frente, durante toda a safra. Mas os bóias-frias querem que todas as suas reivindicações apresentadas numa pauta de 19 itens, sejam atendidas.

**(Página 20)**